



Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

A XÍCARA DE CAFÉ

The cup of coffee

Em mais uma segunda-feira, eu me levantava da minha cama com uma força cuja origem desconhecia. Estava, como de costume, atrasada para o colégio, e minha mãe não parava de reclamar, enquanto eu comia meu pão com manteiga e observava, do outro lado da mesa, meu avô com sua prudência ao virar a rotineira xícara de café, fazendo um barulhinho irritante, devido às suas capacidades motoras limitadas. Meu avô era um homem sério, carrancudo e, principalmente, impaciente. E tal impaciência, por sua vez, era a responsável pelas nossas desavenças. Ele veio morar conosco quando a minha avó faleceu, e, desde então, parece não viver mais no mesmo mundo que nós.

Fui para a escola, arrumei a casa ao voltar, fiz meus deveres e todas as outras coisas chatas que eu tinha que fazer todos os dias. O único que mudava sempre, nessa minha rotina entediante, era o meu avô. Era analfabeto, mas vivia balbuciando palavras pela casa afora. Ele criava poemas momentâneos, assim como músicas e coisas do gênero. Havia seus dias felizes, tristes, ensolarados e nublados... E assim por diante. Apesar de ter muita curiosidade em relação a tudo aquilo que era criado e dito por ele, eu me mantinha distante pelo fato de não nos darmos bem. Eu o deixava com seus devaneios e seguia cumprindo minhas obrigações. Mas sentia, às vezes, seu olhar fixo em mim. Sentia que ele tinha algo para me dizer. Só não sabia que eu teria tão pouco tempo para ter tentado descobrir o que era.

Hoje é mais uma segunda-feira, e estou atrasada para o colégio, de novo. Minha mãe já sabe que falar com as paredes ou comigo é a mesma coisa, mas continua reclamando. Prossigo com meu pão com manteiga, mas ao olhar para o outro lado da mesa, vejo apenas a xícara. Sem café, sem barulho irritante, sem cara fechada, sem cantorias e poemas pela casa, mais tarde. Sem olhares esperançosos e curiosos. Sem o meu avô.

Clara QUEIROZ
clarita.queiroz@gmail.com

110